

## V WORKSHOP EMPRESA, EMPRESÁRIOS E SOCIEDADE

### O mundo empresarial e a questão social

Porto Alegre, 2 a 5 de maio de 2006 – PUCRS

#### Mesa Redonda 03: Organizações empresariais, representação de interesses e política

### **Globalização, inovação e ação coletiva empresarial: estratégias de entidades empresariais da indústria moveleira de Bento Gonçalves/RS**

**Mauro Roese\***

#### **Resumo:**

*A globalização e a transformação da inovação em condição de sobrevivência das empresas, obrigou setores industriais regionalmente concentrados a formularem políticas industriais e de Ciência e Tecnologia localizadas e geridas pelos próprios agentes econômicos, uma vez que o Estado, por omissão e perda de capacidade, está cada vez mais afastado da formulação políticas setoriais e regionais. No caso de setores antes tidos como “tradicionais”, conservadores em matéria de inovação tecnológica, a passagem para um contexto em que a inovação é obrigatória e cotidiana gera desconpassos evidentes entre a atuação francamente modernizante das suas entidades representativas e segmentos diferenciados do empresariado. O setor moveleiro se defronta com a realidade que o mercado mundial de móveis de madeira é, por um lado, o que apresenta o maior crescimento relativo dentre toda indústria de transformação e, por outro lado, é composto de segmentos muito heterogêneos, desde os que produzem móveis para exportação, até os que produzem para mercados populares regionais. Todos estes segmentos se congregam em uma tentativa de articulação de uma ação coletiva homogênea. Os percalços deste caso de ação coletiva empresarial são o objeto deste artigo.*

---

\* Doutor em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP), Professor do Departamento de Sociologia do IFCH/UFRGS.

## 1 Apresentação

Este artigo toma por base nossa tese de doutorado (Roese, 2003), onde analisamos a inserção de uma indústria regional (setor de produção de móveis de madeira) na economia global. Na tese realizamos uma ampla revisão bibliográfica sobre a indústria moveleira mundial e nacional<sup>1</sup>, bem como realizamos um estudo de caso no que denominamos de Sistema de Inovação da Indústria de móveis de madeira de Bento Gonçalves/RS.

Retomaremos aqui o capítulo da tese onde fazemos uma análise das entidades representativas da indústria de móveis local e de sua estratégia visando a criação de condições favoráveis à inovação. Enfatizamos nessa análise a relação da liderança empresarial com o Estado, a universidade e outras instituições produtoras de conhecimento, bem como os diversos segmentos de empresas do setor que representam.

No pano de fundo da situação analisada, vislumbramos um contexto de globalização e de intensificação da aplicação da Ciência ao processo produtivo. Neste contexto a inovação deixa de ser uma característica de setores de ponta e passa a ser condição de sobrevivência para todos os setores industriais, tornando-se barreira à entrada em qualquer atividade econômica. Nesta situação, as diferenciações entre setores industriais não se dão mais entre inovadores ou não (setores industriais tradicionais ou dinâmicos na antiga classificação da economia industrial), mas sim entre setores que inovam com mais ou com menos intensidade<sup>2</sup>.

O foco da nossa análise é a produção e a aplicação de conhecimento ao processo produtivo - inovação – vista como um processo social que envolve segmentos diferenciados da cadeia produtiva interagindo para a produção da inovação. Na literatura este enfoque é conhecido como “Sistemas de Inovação”<sup>3</sup>, este pressupõe que um Sistema de Inovação engloba em sentido estrito

---

<sup>1</sup> Para compor este panorama recorreremos basicamente a textos sobre a indústria moveleira na Itália, Kozul-Wright (1994), na França, Hubert (2000), na Dinamarca, Maskell (1996) e Lorenzen (1998), na África do Sul, Dunne, (1999 e 2000), Dunne e Morris (1999) e Kaplinsky, Morris e Redman (2001), no Kenya, Schneider (1999), no Brasil em geral, Rangel (1993), Gorini (1998), Santos et alii (1998) e Moraes (2002), no Brasil estudos específicos sobre o Rio Grande do Sul, SCT/RS (1991), Roese (2000) e Henkin (2001), sobre o norte do Paraná Câmara et alii (2002), sobre o Espírito Santo, Villaschi Filho e Bueno (s/d), além do livro de Lorenzen (1998) sobre a indústria de móveis na Europa e o texto de Kaplinsky e Redman (2000) sobre do comércio mundial da indústria moveleira.

<sup>2</sup> A indústria moveleira está em último lugar no ranking setorial de intensidade tecnológica na indústria elaborado pela OCDE (1997, p. 06). O ranking engloba 22 setores industriais e os divide em quatro categorias de intensidade tecnológica: alta, média-alta, média e baixa.

<sup>3</sup> Ver a respeito os clássicos do enfoque em , Freeman (1987), Nelson e Rosenberg (1993) e Lundvall (1992). Para uma revisão da literatura sobre o tema e de pesquisas que utilizam este enfoque ver Roese (2003).

as instituições diretamente envolvidas com a produção e a inovação. Em sentido amplo o Sistema de Inovação inclui partes e aspectos da estrutura econômica e da configuração institucional que afetam a aprendizagem, envolvendo política econômica e social, pontos específicos da política fiscal, financeira, salarial, previdenciária, educacional, de saúde, que influenciam o ambiente onde se desenvolve a produção e a inovação (Lundval, 1993 P. 2 e 12-15).

A inovação freqüente pressupõe que a tarefa produtiva não se limita a fazer o bem, mas também a criar novos artigos de consumo, novas formas de fazê-los e novos materiais. Em uma palavra a processo inovativo e processo produtivo fundem-se. A incorporação desta tarefa ao processo produtivo implica a necessidade de haver uma maior interação entre os que produzem conhecimento e os que produzem bens. Mais que interação, fusão, senão de fato, de maneiras de agir . Isto que implica a incorporação de cientistas pelas empresas e a adoção de “práticas empresariais” pelas instituições produtoras de conhecimento. Alguns autores denominam este fenômeno de “modo 2 de produção de conhecimento” onde a aplicabilidade do conhecimento é fundamental (Gibbons et alii, 1997; Nowotny et alii, 2001). A manifestação concreta disso é o aumento do número de empresas com departamentos de P&D e de universidades com setores dedicados ao desenvolvimento de relações com o setor produtivo. (incubadoras, parques tecnológicos, escritórios de patentes e licenciamento).

Em termos de políticas diretamente voltadas ao setor produtivo, o foco das políticas industriais volta-se cada vez mais para as “falhas da interação” (educação, informação, comunicação, transporte), e não às “falhas de mercado” como propugnava a política industrial tradicional<sup>4</sup>. Além do mais, essas políticas tendem a ser geridas pelos próprios atores envolvidos e no próprio local onde ocorrem as atividades de inovação e produção, englobando também aspectos ambientais. Um pressuposto da noção de SI é que interação será tanto mais intensa e produtiva quanto mais favorável for o ambiente institucional no qual ela ocorre. Isto implica a necessidade de integração entre as políticas econômica, industrial, de C&T, educação, etc.

Diante deste quadro e no contexto da perda da capacidade ou na deliberada negativa do Estado de formular políticas industriais, setores antes ditos tradicionais e locais defrontam-se, por um lado, com a pressão para inovar e, por outro, com a necessidade de criar eles próprios as condições para tal.

---

<sup>4</sup> OCDE (1997).

Neste contexto de grande dinamismo e intensa competitividade as entidades representativas de setores empresariais – sindicatos e associações – passam a desempenhar papéis não apenas de representação política, mas também de formuladores e gestores de políticas industriais.

Surge, neste contexto, a figura do dirigente ou do líder empresarial que busca sintonia com o que há de mais moderno em termos de políticas industriais e de gestão da inovação.

O caso do setor moveleiro é emblemático de toda essa transformação. Como veremos no próximo item.

### **3 A indústria moveleira no contexto da globalização: um esboço da sua estrutura e principais tendências tecnológicas e organizacionais.**

A redução das barreiras ao comércio externo, na maioria dos países do mundo, provocou pressões para as indústrias nacionais adequarem-se à competição internacional. Esta foi a principal característica da chamada globalização e um dos desencadeadores da reestruturação produtiva. A referida adequação deu-se sobretudo nos aspectos da tecnologia e organização industrial que afetam custos e padrões de qualidade, pois as empresas necessitavam cada vez mais recorrer às exportações ou concorrer com produtos similares importados

A indústria moveleira não escapou de ser afetada por esta conjuntura. No entanto, as características peculiares do setor, em termos de estrutura produtiva, tecnologia e do seu produto, fez com ela entrasse de forma relativamente tardia na competição global. Quais são essas características?

Em primeiro lugar, a tecnologia aplicada à produção moveleira não é muito intensa e está disponível a qualquer empresa que dispuser de recursos para sua aquisição. A indústria que produz máquinas industriais para outros setores pode, em tese, produzir tecnologia de ponta em produção moveleira. Mas naturalmente que houve uma tendência a que os países que lideram o comércio mundial de móveis também liderem a produção de máquinas específicas para o setor, obrigando a indústria dos demais países a importar para se manter na fronteira da tecnologia de produção.

Em segundo lugar, a indústria moveleira no mundo inteiro sempre foi e continua sendo composta predominantemente de pequenos estabelecimentos industriais. Via de regra estes

estabelecimentos têm pouca ou nenhuma chance de isoladamente obter escala ou dispor de recursos para exportar, ou para fazer frente a uma eventual competição com similares importados.

Em terceiro lugar, independentemente do ingresso na competição global, a própria produção em escala e de produtos padronizados é, na indústria moveleira, um fenômeno relativamente recente SCT/RS (1990 p. 17 e seguintes). A simplificação do design do móvel, sua adequação à produção em larga escala, ao novo padrão de moradia, ao poder aquisitivo do consumidor, o conceito de mercado estratificado em nichos por faixa etária, sexo e estilos de vida, são noções que começam a ser introduzidas no setor no final dos anos 60, mas que só nos anos 80 se difundem amplamente. O mesmo ocorreu com a intensificação do comércio mundial de móveis, que ocorre somente a partir dos anos 90. Pode-se dizer que na indústria moveleira ocorre uma “globalização tardia”, que se deu quase que concomitante à massificação de sua produção. Em outras palavras, muitas empresas manufatureiras do setor tornaram-se estabelecimentos industriais, ao mesmo tempo em que se foi constituindo um mercado mundial de móveis (ver tabela 2.1), que é um fenômeno ocorrido apenas a partir dos anos 90.

Por outro lado, a massificação da produção moveleira se deu de forma diferente de outros setores. Em uma indústria tradicionalmente baseada em estabelecimentos de pequeno e médio porte, localmente concentrada e com mercado bastante fragmentado em nichos, a modernização, a massificação e mesmo a globalização do setor se deu preservando, e até mesmo valorizando, estas características. Ou, sob outro ponto de vista, o que em outra época poderia ser um indicador de atraso de uma indústria, se transforma em vantagem competitiva, caso esta consiga passar de uma etapa de fragmentação pura e simples das unidades produtivas, para a constituição de redes, cadeias produtivas integradas, ou de sistemas de inovação.

A constituição de um mercado mundial de móveis é um fenômeno muito recente, porém evidente. Somente a partir dos anos 90 a exportação de móveis se torna significativa, mas ela passa a chamar a atenção pelo rápido crescimento em relação aos demais setores da indústria de transformação. Entre 1994 e 1998 o comércio mundial de móveis cresceu 41%, contra 27% dos produtos industrializados em geral, crescimento ainda mais significativo se comparado ao de outros setores tradicionais, como vestuário (16,6%) e calçados (-2%) (Kaplinsky e Readman, 2000, p.6) .

Isto reforça a impressão de que o setor moveleiro é um dos últimos setores tradicionais a entrar na chamada “reestruturação produtiva” e na competição global através do incremento das exportações. Mas se isto explica o rápido e intenso crescimento das exportações de móveis em relação aos demais setores e à indústria em geral, pode indicar, por outro lado, que no médio prazo, à medida em que o mercado mundial de móveis se constitua, haja uma estabilização de suas taxas de crescimento.

**Tabela 2.1: Exportação mundial de móveis\* por países selecionados 1996-2000**  
valor bruto em US\$ 1.000

País	1996	% comércio mundial	1997	% comércio mundial	1998	% comércio mundial	1999	% comércio mundial	2000	% comércio mundial
Itália	8.924.152	16,59	8.593.918	16,04	8.631.476	15,05	8.437.153	13,88	8.359.005	13,30
Canada	3.078.383	5,72	3.643.436	6,80	4.254.850	7,42	4.603.853	7,57	5.179.295	8,24
EUA	3.323.310	6,18	3.941.737	7,36	4.408.107	7,69	4.336.409	7,13	4.743.697	7,55
Alemanha	4.569.305	8,49	4.267.070	7,96	4.780.369	8,34	5.073.613	8,34	4.735.880	7,54
China	1.887.080	3,51	2.481.613	4,63	2.821.435	4,92	3.458.647	5,69	4.582.041	7,29
México	1.346.008	2,50	1.755.165	3,28	1.841.054	3,21	2.287.181	3,76	3.314.650	5,27
França	2.111.873	3,93	2.117.530	3,95	2.402.929	4,19	2.456.442	4,04	2.408.441	3,83
Polônia	1.611.279	3,00	1.774.814	3,31	1.909.699	3,33	1.953.491	3,21	2.190.787	3,49
Dinamarca	1.970.453	3,66	1.909.098	3,56	2.022.567	3,53	1.933.772	3,18	1.899.594	3,02
Bélgica		-		-		-	1.852.268	3,05	1.710.790	2,72
Belgica/Lux.	1.700.891	3,16	1.659.417	3,10	1.616.605	2,82		-		-
Malásia	1.117.893	2,08	1.206.202	2,25	1.113.788	1,94	1.399.358	2,30	1.596.097	2,54
Indonésia	951.958	1,77	758.713	1,42	355.065	0,62	1.239.490	2,04	1.517.725	2,42
Reino Unido	1.470.300	2,73	1.555.273	2,90	1.594.504	2,78	1.588.157	2,61	1.491.170	2,37
Espanha	1.260.762	2,34	1.348.666	2,52	1.476.699	2,58	1.476.866	2,43	1.453.323	2,31
Suécia	1.378.043	2,56	1.276.490	2,38	1.347.566	2,35	1.318.924	2,17	1.297.628	2,06
Austria	973.069	1,81	956.947	1,79	1.015.881	1,77	1.074.195	1,77	1.034.868	1,65
Tailândia	743.870	1,38	715.279	1,33	629.261	1,10	795.041	1,31	948.656	1,51
Holanda	922.570	1,71	762.527	1,42	731.809	1,28	896.725	1,47	824.964	1,31
Rep. Tcheca	505.380	0,94	519.202	0,97	854.524	1,49	751.739	1,24	779.963	1,24
Suíça	586.079	1,09	513.316	0,96	580.058	1,01	612.622	1,01	593.470	0,94
Eslovênia	468.155	0,87	468.662	0,87	565.421	0,99	613.827	1,01	586.428	0,93
Hungria	276.973	0,51	350.981	0,66	430.546	0,75	555.657	0,91	559.545	0,89
Brasil	334.375	0,62	370.045	0,69	342.881	0,60	388.879	0,64	496.227	0,79
subtotal	41.512.161	77,17	42.946.101	80,15	45.727.094	79,75	49.104.309	80,75	52.304.244	83,23
Demais países**	12.284.081	22,83	10.635.886	19,85	11.607.912	20,25	11.703.442	19,25	10.539.976	16,77
total	53.796.242	100	53.581.987	100	57.335.006	100	60.807.751	100,00	62.844.220	100,00

Fonte: UNCTAD/ITC

\* Agregação de produtos cod. 821 do Sistema Harmonizado Internacional (*furniture and stuff furnishing*)

\*\*A lista completa tem 136 países

Há que se ressaltar também que a indústria moveleira tem um mercado muito sensível às oscilações do poder aquisitivo dos consumidores. Por outro lado, pode haver “surto” de crescimento do mercado interno em países, como o Brasil, com uma grande população de excluídos do mercado de consumo, onde políticas de inclusão social têm um enorme potencial de geração de mercado interno para o setor. O crescimento do consumo de móveis também está muito vinculado ao crescimento da indústria da construção civil<sup>5</sup>.

O rápido e tardio crescimento da indústria moveleira explica, em parte, por que apenas recentemente o setor se transformou em objeto de estudo e alvo de políticas industriais. Existem poucos estudos sobre o setor anteriores à década de 90 e a maior parte dos estudos que encontramos são posteriores ao final desta década. O mesmo ocorre com as políticas industriais específicas para o setor moveleiro, que até meados dos anos 90 praticamente restringiam-se a iniciativas próprias das associações do setor.

Assim como o mercado mundial de móveis, a tentativa por parte das empresas de estabelecer uma estratégia visando a exportação é igualmente recente e tem-se dado principalmente através da observação da experiência de indústrias em países bem sucedidos, como inspiração para estratégias e de políticas industriais setoriais.

A disseminação de estudos sobre o setor, sobretudo os realizados em países europeus que predominam e têm grande repercussão na literatura internacional, contribuiu para que a reflexão sobre a experiência da indústria moveleira europeia tenha servido como modelo e referência para diagnósticos e formulação de propostas de reorganização da indústria moveleira nos países em desenvolvimento, no Brasil inclusive<sup>6</sup>. A leitura da literatura internacional sobre o setor nos deixou a impressão de que existe um conjunto de “tendências” organizacionais e tecnológicas, determinadas pelos países e empresas que lideram o setor, que influenciam os que buscam ocupar espaço no competitivo mercado mundial de móveis. Falamos em tendências, pois não consideramos que as empresas moveleiras de todos os países sigam um padrão, mas com certeza existe um modelo inspirado na política industrial e na organização industrial do setor nos países exportadores de móveis, que exerceu influência importante sobre a estratégia de empresas e regiões. Embora a idéia de grandes tendências mundiais para o setor

---

<sup>5</sup> Uma antiga reivindicação da Indústria Moveleira no Brasil é a inclusão da compra de mobiliário nas linhas de financiamento de imóveis novos, incorporando o conceito de que o móvel faz parte da habitação.

<sup>6</sup> Rangel (1993), Gorini (1999), Moraes (2002).

transpareça na maioria dos estudos consultados, é importante ressaltar que, na nossa opinião, a diversidade do setor ao redor do mundo e a ampla segmentação do mercado de móveis tornam a palavra “influência” mais precisa para definir o fenômeno que “tendência”, e definitivamente não nos autoriza a utilizar o termo “padrão”.

Influência denota que o sucesso de países como a Itália, em tornar os móveis um produto de exportação significativo, chamou a atenção dos pesquisadores e dos agentes de política para a experiência da Itália e de outros países que são grandes exportadores, como a Alemanha ou a Dinamarca e para países que recentemente ingressaram com sucesso neste grupo, como a China e Taiwan.

Mas quais são as principais características das indústrias moveleiras líderes, ou de países que lideram o comércio mundial de móveis, que tanto influenciam as empresas e as políticas industriais setoriais dos demais países? São basicamente três:

1) a especialização das pequenas empresas e sua integração em redes coordenadas por empresas maiores, ou por grandes empresas varejistas;

2) a valorização do design;

3) o desenvolvimento de novas matérias-primas e de novas aplicações para as existentes.

#### **4 A indústria de móveis de madeira no Brasil e suas mudanças nas décadas de 80 e 90**

O setor moveleiro no Brasil é composto basicamente de empresas de pequeno porte. O segmento dos fabricantes de móveis de madeira no Brasil possuía em 2001<sup>7</sup> 13.166 estabelecimentos, sendo que 78,55% (10.432 estabelecimentos) eram micro empresas com até 19 empregados, pouco mais que 10% (1.329 estabelecimentos) eram empresas individuais com nenhum empregado com carteira assinada e 9,84% (1.296 estabelecimentos) eram pequenas empresas com menos de 100 empregados. O restante, 1,51 % compõe-se de estabelecimentos com mais de 100 empregados, sendo 160 estabelecimentos com 100 a 500 empregados e 13 estabelecimentos com mais de 500 empregados. As tabelas 2.4 e 2.5 a seguir apresentam a distribuição dos estabelecimentos por porte ao longo de uma série histórica (1986-2001).

---

<sup>7</sup> Segundo a RAIS/MTE de 2001 (preliminar).

Comenta-se muito que a reestruturação industrial que se desenvolveu ao longo das décadas de 80 e 90 teve como uma de suas características a redução do número de empregados por empresa e o aumento do número de estabelecimentos, o que seria a decorrência de uma estrutura industrial mais especializada e horizontal. Mas no setor moveleiro observamos uma situação mais complexa de ser analisada. De fato, o número de empresas de pequeno porte no setor é muito grande, com um expressivo número de empresas individuais (sem nenhum empregado), de microempresas e pequenas empresas (até 99 empregados). O número de empresas médias foi reduzido ao longo da nossa série histórica, mas o de empresas grandes aumentou (embora com uma certa estabilidade na participação relativa sobre o total de empresas. Em termos relativos a participação das pequenas empresas reduziu-se e das microempresas se manteve no mesmo nível.

**Tabela 2.4: Indústria de móveis de madeira**  
**número de estabelecimentos por porte (empregados/estabelecimento)**  
**Brasil (1986-2001)**

	zero emp.	até 19 emp.	20-99 emp.	100-499 emp.	mais de 500 emp.	Total
1986	518	6.666	1.159	230	11	8.584
1987	858	7.151	1.064	193	6	9.272
1988	1.108	7.124	1.018	216	7	9.473
1989	895	7.831	1.068	190	7	9.991
1990	1.027	8.496	982	152	3	10.660
1991	1.404	8.274	915	139	5	10.737
1992	1.476	7.674	886	145	4	10.185
1993	1.180	7.833	958	157	5	10.133
1994	961	7.542	1.026	175	7	9.711
1995	1.146	8.302	1.007	154	6	10.615
1996	1.219	8.592	1.071	176	11	11.069
1997	1.196	9.750	1.164	184	10	12.304
1998	1.327	10.018	1.158	161	8	12.672
1999	1.353	10.118	1.251	137	13	12.895
2000	1.345	10.282	1.311	182	13	13.133
2001*	1.329	10.342	1.296	188	11	13.166

Fonte: elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE

\*preliminar

Observamos que no setor moveleiro as mudanças não foram muito intensas e, olhando ao longo da série histórica, podemos até afirmar que elas não foram muito expressivas. Isto corrobora a tese de que o setor moveleiro sempre se caracterizou por ter uma estrutura onde predominam empresas de pequeno porte. Isto não mudou muito

com a entrada em cena da produção de móveis em grande escala a partir dos anos 60, pois em lugar das antigas “marcenarias” surgiram empresas individuais operadas por antigos operários qualificados das empresas maiores que passam a prestar serviços para essas empresas.

**Tabela 2.5: Indústria de móveis de madeira**  
distribuição dos estabelecimentos por porte (empregados/estabelecimento)

Brasil (1986-2001)						
	zero emp.	até 19 emp.	20-99 emp.	100-499 emp.	mais de 500 emp.	Total
1986	6,03	77,66	13,50	2,68	0,13	100,00
1987	9,25	77,12	11,48	2,08	0,06	100,00
1988	11,70	75,20	10,75	2,28	0,07	100,00
1989	8,96	78,38	10,69	1,90	0,07	100,00
1990	9,63	79,70	9,21	1,43	0,03	100,00
1991	13,08	77,06	8,52	1,29	0,05	100,00
1992	14,49	75,35	8,70	1,42	0,04	100,00
1993	11,65	77,30	9,45	1,55	0,05	100,00
1994	9,90	77,66	10,57	1,80	0,07	100,00
1995	10,80	78,21	9,49	1,45	0,06	100,00
1996	11,01	77,62	9,68	1,59	0,10	100,00
1997	9,72	79,24	9,46	1,50	0,08	100,00
1998	10,47	79,06	9,14	1,27	0,06	100,00
1999	10,49	78,46	9,70	1,06	0,10	100,00
2000	10,24	78,29	9,98	1,39	0,10	100,00
2001*	10,09	78,55	9,84	1,43	0,08	100,00

Fonte: elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE

\*preliminar

Já em termos da distribuição do contingente de empregados do setor entre as empresas estratificadas por porte temos o seguinte panorama: do quadro de redução geral do número de empregados no setor e do aumento do número de estabelecimentos, resulta uma maior concentração dos empregados no extrato das micro e no das pequenas empresas. Ao longo da nossa série histórica observamos o crescimento da participação das microempresas no emprego, passando de 25,69% em 1986 para 35,59% em 2000 sobre o total de empregados do setor. As pequenas empresas mantiveram sua participação em torno de 35%, enquanto as médias empresas perderam peso relativo, passando de 35,56% em 1986 para 24,39% dos empregados em 2001 (ver tabelas 2.6 e 2.7).

A indústria moveleira<sup>8</sup> faturou em 1999 R\$ 7.3 bilhões e teve uma participação no PIB brasileiro da ordem de 0,7% (1998). Apesar de não ter uma participação muito grande no PIB, ela teve uma participação mais expressiva no pessoal ocupado que foi de 1,3% sobre o total e de 7,0% na indústria, o que confirma que o setor é intensivo em absorção de mão-de-obra (ver tabelas 2.8 e 2.9) apesar de também estar sendo afetado pela redução geral do nível de emprego na indústria de transformação.

**Tabela 2.6: Empregados na Indústria de Móveis de Madeira por nº de empregados por Estabelecimento Brasil (1986-2001)**

	até 19	20- 99	100 - 499	mais de 500	Total
1986	57.749	76.715	75.439	14.876	224.779
1987	66.185	75.442	66.796	7.831	216.254
1988	64.917	67.397	64.821	6.884	204.019
1989	67.451	73.663	60.634	7.853	209.601
1990	74.364	69.893	47.473	3.457	195.187
1991	70.649	62.142	40.226	4.565	177.582
1992	60.010	52.556	36.343	3.357	152.266
1993	60.383	57.314	40.438	4.658	162.793
1994	60.697	63.333	48.623	6.578	179.231
1995	67.447	65.443	45.449	5.686	184.025
1996	65.072	62.527	47.139	9.389	184.127
1997	75.217	66.306	48.300	8.961	198.784
1998	78.001	63.187	40.174	6.539	187.901
1999	49.900	48.571	28.719	8.354	135.544
2000	51.640	51.466	33.546	9.074	145.726
2001*	51.628	49.887	35.180	7.541	144.236

Fonte: elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE

\* preliminar

A indústria moveleira depende sobremaneira do mercado interno e apesar de fabricar um bem de consumo importante, ele não é essencial. Por isso ela sofreu muito com a crise e recessão das últimas décadas, como se pode observar pelo crescimento positivo, porém lento do faturamento do setor desde meados da década 90. Mas pode-se afirmar que o crescimento das exportações em muito contribuiu para este desempenho. Até o início dos anos 90 as exportações brasileiras de móveis eram insignificantes. Ao final da década, apesar de ainda faltar muito para se atingir uma participação significativa no mercado mundial, as exportações brasileiras estavam em um nível dez vezes maior (ver tabela 2.10 a seguir).

<sup>8</sup> No somatório de todos os segmentos (inclui móveis de metal e outros materiais), não foi possível desagregar o segmento dos móveis de madeira a partir de 1996.

**Tabela 2.7: Distribuição Percentual dos Empregados  
na Indústria de Móveis de Madeira  
por Porte do Estabelecimento Brasil (1986-2001)**

	até 19	20-99	100- 499	mais de 500	Total
1986	25,69	34,13	33,56	6,62	100
1987	30,61	34,89	30,89	3,62	100
1988	31,82	33,03	31,77	3,37	100
1989	32,18	35,14	28,93	3,75	100
1990	38,10	35,81	24,32	1,77	100
1991	39,78	34,99	22,65	2,57	100
1992	39,41	34,52	23,87	2,20	100
1993	37,09	35,21	24,84	2,86	100
1994	33,87	35,34	27,13	3,67	100
1995	36,65	35,56	24,70	3,09	100
1996	35,34	33,96	25,60	5,10	100
1997	37,84	33,36	24,30	4,51	100
1998	41,51	33,63	21,38	3,48	100
1999	36,81	35,83	21,19	6,16	100
2000	35,44	35,32	23,02	6,23	100
2001*	35,79	34,59	24,39	5,23	100

Fonte: elaboração própria a partir de dados da RAIS/MTE

\* preliminar

**Tabela 2.8: Faturamento do Setor Moveleiro<sup>a</sup>  
Brasil (1994-2002)  
Em R\$ bilhões**

1994	R\$ 3,7**
1995	R\$ 3,9**
1996	R\$ 4,6**
1996	R\$6,2
1997	R\$6,2
1998	R\$7,4
1999	R\$7,3
2000	R\$8,8
2001	R\$9,7
2002	R\$10,3

Fonte: Abimóvel

a Abimóvel estima que 60% dos valores referem-se a móveis residenciais, 25% a móveis de escritório, e 15% a móveis institucionais

\*\* Referente somente ao segmento móveis de madeira

Tabela 2.9 Participação dos setores industriais no PIB (valor adicionado)\* e na ocupação no Brasil (1998-2000)

Discriminação	Participação do PIB (%)			Pessoal Ocupado (2000)	Participação sobre ocupação na Indústria (%)
	1998	1999	2000		
<b>Indústria</b>	34,62	35,6	37,52	12.495.100	100,0
<b>Indústria da Construção</b>	10,13	9,43	9,12	4.075.300	32,6
<b>Extrativa Mineral</b>	0,63	1,54	2,51	236.700	1,9
<b>Serv. Ind. Utilidade Pública</b>	3,18	3,36	3,52	204.700	1,6
<b>Ind. de Transformação</b>	20,68	21,27	22,37	7.978.400	63,9
<b>Ind. Eletroeletrônico</b>	1,29	1,01	1,02	215.800	1,7
<b>Ind. Química**</b>	4,43	4,8	5,09	265.800	2,1
<b>Ind. Têxtil e de Confeções</b>	1,02	0,98	0,91	1.772.900	14,2
<b>Ind. Couro e Calçados</b>	0,24	0,29	0,24	364.700	2,9
<b>Indústria de Madeira e Mobiliário</b>	0,68	0,79	0,73	851.900	6,8
<b>Ind. Automotiva</b>	1,56	1,38	1,67	299.300	2,4
<b>Outros Setores da Ind. de Transformação</b>	11,46	12,02	12,71	4.208.000	33,7

Fonte: IBGE - MDIC/SPI

Tabela 2.10: Exportações Brasileiras de Móveis em Geral (1990-2002)

ANO	Cap. 9401 Assentos	Cap. 9403 Outros Móveis	Cap. 9404.20 Colchões	Total US\$
1990				39.744.595
1991				57.295.962
1992				125.694.839
1993				266.069.681
1994				293.545.956
1995				336.558.513
1996				351.324.802
1997	65.021.352	299.298.285	2.011.369	366.331.006
1998	61.679.553	275.480.393	921.266	338.081.212
1999	50.075.026	331.814.167	1.313.327	385.202.520
2000	74.138.198	413.404.671	1.285.440	488.828.309
2001	77.758.761	404.827.454	938.709	483.524.924
2002	77.016.995	457.233.754	1.274.285	535.525.034

Fonte: Secex/ABIMÓVEL

Da observação da composição das exportações brasileiras de móveis por país de destino pode-se concluir que o Mercosul foi um destino importante destas, sobretudo para a Argentina, o Uruguai e o Paraguai (ver tabela 2.11 a seguir).

**Tabela 2.11: Exportações Brasileiras de Móveis  
para Países do Mercosul  
em US\$ (1991-2000)**

<b>ANO</b>	<b>ARGENTINA</b>	<b>PARAGUAI</b>	<b>URUGUAI</b>
<b>1991</b>	2.487.519	703.655	853.705
<b>1992</b>	15.281.099	1.517.455	3.701.217
<b>1993</b>	28.092.599	2.904.478	11.170.990
<b>1994</b>	42.284.390	3.535.865	15.440.170
<b>1995</b>	28.407.547	5.556.430	13.016.460
<b>1996</b>	40.596.649	5.804.642	12.588.749
<b>1997</b>	51.769.400	4.264.893	11.699.040
<b>1998</b>	47.372.342	4.123.570	18.037.765
<b>1999</b>	48.946.861	3.205.032	23.868.549
<b>1999*</b>	30.777.876	2.205.165	16.038.515
<b>2000*</b>	55.681.441	3.276.122	21.195.551

Fonte: Secex/ABIMÓVEL

\* janeiro a setembro

Pode-se atribuir parte deste crescimento às facilidades para exportação no interior do Mercosul e à proximidade geográfica, sobretudo para a indústria dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mas as exportações brasileiras de móveis para outros países também cresceram significativamente, inclusive para países que são produtores e exportadores tradicionais como a França, Holanda, Reino Unido e Alemanha. Também merece destaque o aumento das exportações para a Suécia, país muito competitivo no setor e para o maior consumidor mundial de móveis, os EUA.

## **5 As entidades representativas do setor no Rio Grande do Sul: MOVERGS e SINDIMÓVEIS**

Por ser Bento Gonçalves a maior aglomeração moveleira no estado, a Associação da Indústria de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul – MOVERGS, instituição representativa do setor em nível estadual, se localiza no município e grande parte de sua diretoria é oriunda de empresas da região. Pelo mesmo motivo, o Sindicato da Indústria da Construção e do Mobiliário de Bento Gonçalves – SINDIMÓVEIS, que representa as empresas em âmbito regional, tornou-se o mais importante sindicato do setor no estado e com isso ele atua quase como uma representação estadual.

Nossa pesquisa junto a estas duas entidades baseou-se em visitas, entrevistas com dirigentes, ex-dirigentes e empresários que participam e apóiam suas atividades mesmo sem integrar a diretoria. Também nos baseamos na análise da atividade concreta

desenvolvida pelas duas entidades, materializada na sua programação e sua manifestação pública através de publicações e entrevistas de dirigentes à imprensa.

Nosso objetivo era avaliar o papel que estas entidades cumprem na articulação do setor em nível estadual e local, na articulação do que nós chamamos de “atores do Sistema de Inovação”: as empresas, as próprias entidades como promotoras de atividades de capacitação, a Universidade, o Cetemo/SENAI<sup>9</sup> e o Governo do Estado.

Embora se tratem de entidades de natureza distinta, um sindicato e uma associação, observamos um alto grau de convergência, complementaridade e cooperação entre as duas entidades. Isto foi facilitado pela proximidade física, pelo fato de suas lideranças empresariais “revezarem-se” na ocupação de cargos nas duas entidades. Isto resulta em um alto grau de convergência política entre as duas entidades. De fato, nos últimos processos sucessórios nas duas entidades houve, pelo menos publicamente, um consenso programático e a constituição de chapas únicas. Nas entrevistas e visitas às empresas, notamos que existe uma rede de relações informais e de troca de informações entre as entidades e as empresas moveleiras da região e a concentração geográfica contribuiu decisivamente para isso.

Neste sentido, concluímos que é possível referirmo-nos a uma atuação conjunta das duas entidades, sobretudo quando nos atemos mais às ações que visam a governança do processo de capacitação do setor.

A principal atividade da MOVERGS tem sido a organização de feiras e eventos que divulguem a indústria do estado e apresentem a tecnologia de ponta disponível para o setor, bem como promover eventos que busquem qualificar as empresas para a competição e a exportação (como cursos, seminários, visitas técnicas, missões empresariais e participação em eventos no Brasil e no exterior).

O SINDIMÓVEIS, além de sua principal atividade formal que é a representação de classe do setor, tem ocupado uma parte cada vez mais significativa de seu tempo com atividades “técnicas”. Isto foi observado a partir da análise de sua agenda e publicações.

A seguir vamos enumerar alguns resultados concretos do esforço das entidades representativas do setor realizados, na maior parte das vezes, em parceria com outras instituições.

---

<sup>9</sup> Centro de Tecnologia do Mobiliário localizado em Bento Gonçalves.

1) Do SINDIMÓVEIS e da MOVERGS em conjunto, foi a iniciativa de formação da parceria com a Universidade de Caxias do Sul e o SENAI para a constituição de um Curso Superior de Tecnologia em Produção Moveleira<sup>10</sup>, bem como da coordenação dos esforços para a aquisição de equipamentos para os primeiros laboratórios do curso.

2) Estas entidades também participam diretamente da gestão do Centro de Tecnologia da Madeira e Móveis – CETEMO/ SENAI<sup>11</sup> – através da indicação de integrantes do conselho da instituição.

3) A MOVERGS, com apoio do SINDIMÓVEL e de diversas entidades locais, promove um dos principais eventos da indústria moveleira de Bento Gonçalves, a FIMMA - Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira, que atrai expositores de todo o mundo e compradores do Brasil e da América Latina, sendo considerada hoje a maior feira do gênero na América Latina e uma das cinco maiores do mundo.

4) O setor também se mobiliza no sentido de procurar formular e executar uma política industrial setorial, com implementação local. Um exemplo notável de política de fomento à competitividade (centrada no aumento da exportação), foi coordenado no RS pela MOVERGS, onde a cooperação interfirmas aparece com destaque. Trata-se do PROMÓVEL – Programa Brasileiro de Incentivo à Exportação de Móveis, lançado em meados de 1998, por iniciativa da Associação Brasileira da Indústria do Mobiliário - ABIMÓVEL, das entidades de classe regionais do setor e do Governo Federal (através da APEX – Agência de Promoção das Exportações<sup>12</sup>).

Os recursos para os três anos de duração do programa serão da ordem de R\$ 10 milhões, e serão providos pela APEX (50%), pelas empresas do setor (25%) e pelas empresas fornecedoras (25%)<sup>13</sup>. Estes recursos serão destinados unicamente ao financiamento de pesquisa e treinamento, visando qualificar as empresas a cumprirem as exigências básicas dos importadores (normas técnicas, de segurança e ambientais),

---

<sup>10</sup> Os resultados da pesquisa na universidade e do curso referido podem ser conferidos em Roese (2003, p. 168-172).

<sup>11</sup> Ver Roese (2003, p. 160-168).

<sup>12</sup> A APEX vai financiar e monitorou o programa com a participação do Ministério da Ciência e Tecnologia, da FINEP, do Ministério das Relações Exteriores, e do CNPq.

<sup>13</sup> É interessante notar como as empresas fornecedoras (em sua maioria de chapas de madeira, de componentes plástico e metal e de tintas e vernizes) do setor tem se engajado na busca de competitividade da indústria moveleira, aplicando recursos em programas deste tipo, apoiando publicações e feiras do setor, etc, muito diferente da posição distante e até mesmo hostil, que era objeto de queixa do setor no final dos anos 80, cf. SCT/RS, 1990.

tornarem-se competitivas em custo e qualidade e conhecerem as demandas dos mercados visados (estilo, adaptação ao clima, medidas, etc.).

É interessante notar que esta iniciativa se estrutura sobre um programa de capacitação do setor para competir no mercado externo e não sobre financiamento e subsídios à exportação, conforme pode-se verificar no item 2 do regulamento do PROMÓVEL - objetivos:

*2.1 Alcançar, ao término do Promóvel, exportação de móveis no valor de US\$ 2,5 bilhões ao ano.*

*2.2 Reestruturar as empresas através de projetos específicos visando sua inserção no mercado internacional, dando-lhes condições de competitividade e preparando-as para a globalização do setor. ( apud ABIMÓVEL, 1998, P. 33)*

O PROMÓVEL compôs-se de dezesseis projetos: 1) ISO 9.000, 2) Sensibilização ISO 14.000, 3) Selo Verde, 4) Produção de normas técnicas para fabricação de móveis, 5) Programa de gestão de qualidade e produtividade, 6) Aquisição de Know How no exterior, 7) Missões empresariais, 8) Estudos de mercados internacionais, 9) Marketing no exterior, 10) Formação de Consórcios, 11) Móveis Brasileiros em exposições internacionais, 12) Desenvolvimento de design, 13) Pontos avançados de negócios no exterior, 14) Capacitação gerencial, 15) Prospecção do mercado de móveis dos Estados Unidos, 16) Adequação das plantas fabris.

Os quatro primeiros itens tiveram como objetivo sensibilizar e treinar as empresas para a obtenção de certificação (técnica e ambiental) e de adequar produtos e processos às exigências do mercado internacional. O quinto projeto visou integrar o setor ao Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP), que por sua vez procura fomentar a competitividade industrial através da sensibilização para a produção conforme os princípios da qualidade<sup>14</sup>. O sexto projeto tem como objetivo reduzir a defasagem tecnológica, organizacional e no design entre a indústria moveleira brasileira e a dos países que lideram o setor no mundo. Para isso foram enviadas ao exterior para treinamento quatro comissões de dez membros cada, de estudantes, designers, técnicos em produção de móveis para estágio em universidades, centros tecnológicos, escolas de design e indústrias moveleiras.

Os projetos 7, 8, 9, 11, 13 e 15 tiveram como principal objetivo dotar o setor de maior conhecimento sobre os mercados importadores, do ponto de vista dos preços

---

<sup>14</sup> Cf Darós (1997).

praticados, da tributação, segmentos de mercados mais interessantes, acesso à exposição de seus produtos em feiras, constituição de pontos de apoio à comercialização em mercados importantes.

O mercado americano tiveram atenção especial e um projeto específico (projeto 15), que vai realizar a prospecção deste mercado de forma bastante detalhada, descrevendo as características do mercado americano de móveis, econômicas (volume e valor consumido, produzido e importado, distribuição geográfica da produção e do consumo), tecnológicas (estrutura organizacional, tecnologia e design do móvel produzido nos EUA), culturais, climáticas, de estilo, cor e materiais mais consumidos. Além disso, vai estabelecer parâmetros de preços competitivos e definir os principais canais de propaganda e distribuição de produtos.

O projeto número 10 visa a constituição de consórcios de pequenas e microempresas para a produção e exportação. A idéia é estimular e coordenar a formação de grupos de empresas para a produção de um mesmo produto ou de partes de um produto, de tal forma que as empresas em conjunto obtenham escala, custo e qualidade para exportar. Sendo o setor constituído majoritariamente de pequenas e microempresas, a formação de consórcios aparece como uma alternativa para o acesso destas ao mercado externo. Os objetivos deste projeto são:

- *Promover a desverticalização das empresas, incentivando a especialização na produção de partes, peças e componentes intercambiáveis. (...)*
  - *Consolidar um modelo de gestão cooperativo e participativo.*
- (ABIMOVEL op cit. p . 16)

5) Outra iniciativa de política industrial das entidades representativas do setor, foi a criação em parceria com o Governo do Estado do Centro Gestor da Inovação – CGI moveleiro, instituição criada com o objetivo expreso de centralizar os esforços de coordenação das ações inovativas que visam o setor, contando com dotação orçamentária estadual (ver item sobre política industrial estadual, a seguir).

Estes são alguns exemplos concretos de como o associativismo do setor está revertendo em ações coletivas com o objetivo de facilitar o acesso à capacitação pelas empresas associadas e pela comunidade. Não estamos discutindo aqui a efetividade e a oportunidade destas iniciativas, mas sim a existência de ações coletivas do setor que visam a sua capacitação para a competição.

Nas entrevistas com as lideranças do setor, nas suas manifestações públicas em eventos, documentos e publicações pudemos perceber:

1) Que é bem clara, para as lideranças, a relação existente entre globalização, abertura da economia, reestruturação produtiva e quanto esses fatores afetam a competitividade do setor.

2) Que o mercado mundial de móveis é uma referência central para o setor, seja pela necessidade de exportar móveis como estratégia para aumentar o faturamento do setor, como pela busca da adoção pela indústria local de um “padrão mundial” de organização da indústria.

3) Que a inovação tem um papel central neste contexto e que é urgente a busca de capacitação técnica para o setor.

4) Que a capacitação do setor, sobretudo pelo fato dele se compor em sua maioria de empresas de pequeno porte, só pode ser obtida de forma coletiva e coordenada.

5) Colocam o associativismo como um “ativo” ou seja, a noção de “eficiência coletiva” está presente na prática associativa, influenciada pelas novas tendências da gestão empresarial.

6) Mas o associativismo também é visto como um “valor” que a tradição (associativa e manufatureira) e os vínculos locais mantêm como patrimônio da coletividade local e que devem ser preservados. Obviamente que isto é aproveitado (e bem) como uma vantagem competitiva. Não é possível (nem útil) separar até onde vai o apego étnico-cultural ao local, de até onde isto é visto como uma vantagem competitiva específica. Por exemplo: não é vista com bons olhos a tentativa de atração por outros estados de empresas competitivas do estado através de incentivos fiscais. A mudança para outro estado é classificada como “traição” ou lamentada como “atitude desesperada”, mas também é vista como arriscada, uma vez que a mudança para outra base territorial implica na perda de parte das vantagens competitivas atribuídas à localização e à tradição.

7) É cobrada uma ação mais efetiva do Governo do Estado na reação à guerra fiscal. Mas não aparece com muita frequência a condenação à falta de coordenação por parte da União das políticas fiscais estaduais.

8) É cobrada do conjunto das empresas do setor “maior participação”, “maior espírito cooperativo” e “menos individualismo”. Em outras palavras, a modernidade da liderança, o avanço inovativo relativamente grande do setor, deve ser aproveitado pelo conjunto, mas isso exige uma “atitude mais positiva” de seu empresariado.

9) Verificamos então que a intenção de assumir a governança da capacitação do setor, ou de compartilhar esta governança com os demais atores, assumindo nela um papel estratégico, aparece com clareza no discurso da sua liderança e se materializa de forma coerente nas suas ações concretas.

10) Mas nota-se que há uma queixa das lideranças do setor sobre a defasagem entre a tentativa das entidades representativas de desenvolver uma ação coletiva e o individualismo de boa parte dos empresários do setor.

Isto é um fato, mas não concordamos com a explicação, até certo ponto estóica, deste fenômeno.

O setor moveleiro compõe-se de uma grande quantidade de empresas com níveis distintos de inserção no mercado (ver item sobre as empresas a seguir), esta diferenciação de inserção provoca diferentes percepções acerca da estratégia de sobrevivência das empresas. A natureza peculiar do produto (móvel de madeira), faz com que grande parte da vantagem competitiva se concentre no design, na marca e no marketing, na utilização de materiais diferenciados. O acesso a estes ativos é muito difícil a empresas menos competitivas, o acesso coletivo é complexo, exige articulações políticas nem sempre viáveis. Na parceria entre empresas maiores, que detém estes ativos e, as menores, que tem reduzido poder de barganha, sobra pouco para a empresa menor produzir se for excluído o valor adicionado pelo design e o marketing. Muitas vezes a pequena empresa prefere produzir um móvel mais simples voltado para um mercado menos competitivo, que se arriscar a fornecer partes com pequeno valor agregado e sem garantia de continuidade nos pedidos. Nota-se, portanto, que a não participação, o não coletivismo, o individualismo, nem sempre é uma “não-estratégia” mas, pelo contrário, é uma estratégia, não muito simpática e meio fora de moda, mas uma tentativa de resguardar a autonomia das empresas menores.

Consideramos também que o estímulo à ação coletiva, formação de consórcios de produção, deve levar em conta estes obstáculos estruturais relativos à forma como as empresas se inserem no mercado, tanto as mais como as menos competitivas.

## 6 Conclusão

A resposta empresarial aos desafios da globalização e à imperiosa necessidade de inovar não está livre de aspectos contraditórios. O principal deles afeta não só a percepção da problemática pelas lideranças empresariais, mas também de parte significativa da literatura acadêmica.

A literatura sobre Sistemas de Inovação tem sido extremamente prolífica e rica ao apresentar estudos sobre Sistemas de Inovação pelo mundo afora, na análise da configuração destes sistemas em contextos determinados e de seus resultados econômicos e sociais. A literatura é rica também na reflexão acerca dos instrumentos de política industrial adequados à promoção da inovação e do desenvolvimento, inspirados em experiências bem sucedidas. Aqui, a literatura foi, além de rica, muito influente, inspirando políticas industriais e aparecendo em recomendações políticas de agências internacionais, governos nacionais e estaduais. A adequação destas políticas a contextos específicos (diferentes países ou regiões, diferentes setores ou segmentos industriais) também foi bastante discutida, o que constituiu uma referência para discussão de experiências locais.

Por outro lado, a partir destas leituras, constatamos que ainda carecemos de uma maior reflexão acerca das bases sociais sobre as quais se assentam os sistemas de inovação. Um sistema pressupõe a existência de uma ação integrada, cooperativa e com objetivos comuns promovida por atores sociais diferenciados (empresas grandes e pequenas, empresas e governo, empresas e universidade, e assim por diante). Sendo assim, é de se perguntar: estes atores têm, “a priori”, objetivos comuns que uma vez estimulados vão gerar o desenvolvimento de ações cooperativas visando a inovação? O gargalo da política industrial é sua capacidade de induzir comportamentos adequados em segmentos determinados do sistema? O que causa o comportamento supostamente “oportunista” ou “conservador” de certos segmentos ou atores individuais nos sistemas de inovação?

A constituição de um qualquer sistema pressupõe: 1) que todos seus componentes operem de maneira funcional, ou seja, a forma como um componente age não pode ir contra os objetivos do sistema; por outro lado 2) o modo de operar de um sistema não pode inviabilizar a sobrevivência e o desenvolvimento de seus componentes individuais.

Na prática, observando as políticas industriais que se propõem a fomentar a constituição de sistemas de inovação, constatamos que raramente o pressuposto 2 é implementado, ou seja, nem sempre a especificidade certos segmentos da indústria e de instituições é levado em conta. Isto posto, podemos pensar que nem sempre a política industrial mais moderna e racional é a única ou a melhor alternativa para todos os segmentos envolvidos nesta problemática.

Neste artigo, argumentamos que esse é o caso de certos segmentos da indústria de móveis de madeira, um setor que opera em um mercado extremamente segmentado, com muitos nichos, onde competem empresas com porte, faturamento e níveis de capacitação tecnológica extremamente diferenciados. Tentamos demonstrar que pelo menos um segmento desta indústria não se adapta às tendências predominantes da política industrial.

O crescimento impressionante do comércio mundial de móveis nos anos 90 tornou a indústria moveleira (e outros setores outrora denominados “tradicionais”, alvo de pesquisas e de políticas industriais que buscavam capacitar aglomerações locais de empresas do setor para a exportação. Todo este movimento no setor, os exemplos de países bem sucedidos no fomento à exportação, aliado à perda de dinamismo dos mercados internos, fez com que o fomento à exportação se transformasse num imperativo para a indústria moveleira. A busca de um “padrão mundial” de organização e da exportação a partir da indústria moveleira local estimulou a inovação tecnológica e organizacional, concentrada no cerne da competitividade do setor que é o desenvolvimento do *design*, a aplicação de novos materiais e a integração da cadeia moveleira em todas suas etapas, inclusive na comercialização.

Obviamente que todo esse esforço é necessário e positivo, mas, por outro lado, a ênfase no fomento à exportação, a perseguição de um padrão global de competitividade, tiveram como consequência a exclusão pela política industrial de segmentos da indústria moveleira dedicados ao mercado interno ou regional e ao consumidor de baixo poder aquisitivo. Neste sentido é comum ler nos trabalhos sobre o setor que a saída para o pequeno produtor de móveis populares é se integrar a consórcios de exportação, onde pequenas empresas especializadas produziriam componentes de móveis que seriam montados e comercializados por empresas maiores. Sem questionar a validade desta proposta, apontá-los neste artigo alguns limites dessa política de promoção do desenvolvimento de todos segmentos do setor moveleiro.

Em um outro capítulo da nossa tese<sup>15</sup> aprofundamos a análise do modo de operar de cada segmento empresarial, das suas características estruturais e da forma como eles se inserem no sistema, o que por questões de espaço não fizemos aqui. Procuramos destacar a necessidade de se empreender uma análise em nível micro dos segmentos que compõem um sistema de inovação, dando ênfase à forma como cada segmento se insere no sistema e como seu modo de operar peculiar, o qual cria obstáculos à sua integração ao sistema de inovação.

A premissa básica aqui é “durkheimiana”, ou seja, pressupomos que a diferenciação entre os componentes de um sistema pode ser vista como especialização em uma função específica, o que contribui para sua integração, uma vez que isto gera interdependência entre os segmentos. Mas por outro lado, como é possível conciliar objetivos comuns e maneiras distintas de compreensão destes objetivos, bem como integrar formas de operar individuais ao funcionamento do sistema como um todo? A resposta mais comum a este tipo de questionamento é que se faz necessária a constituição de uma governança de sistemas de inovação, o que pressupõem uma estrutura de coordenação dos atores envolvidos que tenha legitimidade e que as ações individuais sigam as diretrizes gerais. Isto é correto, mas apenas em parte, pois falta verificar até que ponto as estruturas de governança realmente representam todo sistema e até que ponto as divergências são levadas em consideração.

Consideramos que as análises comumente feitas sobre este tema ressaltam os “objetivos comuns”, sem questionar se estes objetivos levam em conta as especificidades de cada segmento do sistema. É comum atribuir à falta de consciência ou ao individualismo a dificuldade de se empreender ações coletivas nestes sistemas, sem uma investigação das diferentes maneiras de operar de cada segmento as quais podem inviabilizar esta integração, se não houver políticas específicas que levem em conta esta diferença.

---

<sup>15</sup> Ver capítulo 3 item 4 (Roese, 2003, p.172-184).

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Pedro Fernando Cunha e LIMA, Rubens Soares de. Apontamentos para uma discussão da questão regional. **Ensaio FEE**, v.4, nº1, 1983. P.151-166.

CÂMARA, M. R. G. et alii. **Competiviness of the furniture industriy in the north of Paraná**. Kyoto : 6<sup>th</sup> ICTPI, agosto de 2002. (mimeo)

CASTAN, Nelson. Em busca de um paradigma conceitual para a melhor compeensão da economia: uma réplica aos comentários. . **Enasios FEE**, v.4, nº1, 1983. P.1175-190.

Dunne, Nikki and MORRIS, Mike. **Purposive action and collective efficiency: lessons from building co-operation in a furniture value chain**. Durban : University of Natal/ School of Development Studies, 1999. (Industrial Restructuring Project, Research Report nº 23, noember 1999)

Dunne, Nikki. **The importance of understanding market demand: South African furniture manufactures in the global economy**. Durban : University of Natal/ School of Development Studies,. (Industrial Restructuring Project, Research Report nº 22), november 1999.

Dunne, Nikki. **Trends and relationships: building an understanding of the South African furniture industry**. Durban : University of Natal/ School of Development Studies, 2000. (Industrial Restructuring Project, Research Report nº 28, march 2000).

FARIA, Luis Augusto Estrella. A produção gaúcha na economia nacional: uma análise da concorrência intercapitalista. . **Enasios FEE**, v.4, nº1, 1983. P.191-196.

FIERGS. **GM no Rio Grande do Sul: uma avaliação econômica do projeto**. Porto Alegre : FIERGS, 2000.

FREEMAN, Christopher. **Technology and economic performance: lessons from Japan**. London : Pinter, 1987.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **Panorama do setor moveleiro no Brasil com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia externa de produtos sólidos de madeira**. Rio de Janeiro : BNDES, 1998. (BNDES Setorial 8, set/1998).

HENKIN, Helio. **Mudança no ambiente competitivo e estratégia as empresas: o caso da indústria moveleira do Rio Grande do Sul na década de 90**. Porto Alegre : UFRGS/FCE, 2001. Tese de Doutorado (mimeo).

HERRLEIN Jr., Ronaldo. **A trajetória do desenvolvimento capitalista no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : PUCRS/FACE/FEE, 2002. 1º Encontro de Economia Gaúcha.

HERRLEIN Jr., Ronaldo. **Rio Grande do Sul, 1889-1930: um outro capitalismo no Brasil Meridional?** Campinas : UNICAMP/IE, 2000. Tese de doutorado (mimeo).

HUBERT, Juliette. **La industrie du meuble em Europe : France**. Paris : Institut Xerfi, Novembro de 2000.

KAPLINSKY, Raphael; MORRIS, Mike; READMAN, Jeff. **The globalization of product markets and immiserising growth: lessons from the south african furniture industry**. Brighton: University of Sussex/IDS/CRIM, 2001. (mimeo)

KAPLINSKY, Raphael; READMAN, Jeff. **Globalisation and upgrading: what can (and cannot) be learnt from international trade statistics in the wood furniture sector?** Brighton: University of Sussex/IDS/CRIM, 2000. (mimeo)

KOZUL-WRIGHT, Zeljka. Technological diffusion in the Italian Marshallian industrial district of Briaza (case study). In: UNITED NATIONS/ UNCTAD. **Technological dynamism in industrial districts: an alternative to industrialization in development countries?** Geneva : UN/ UNCTAD, 1994, P. 155-188.

LORENZEN, Mark. **Specialisation and localised learning.** Copenhagen : Copenhagen Business School Press, 1998.

LORENZEN, Mark. **Localized co-ordination and trust: tentative findings from in-depth case studies.** Copenhagen : Copenhagen Business School, março de 1998. (mimeo, 2ª versão).

LUNDVALL, Bengt-Åke (ed.) . **National systems of innovation – toward a theory of innovation and interactive learning.** London : Pinter, 1992.

MASKELL, Peter. **Localized low-tech learning in the furniture industry.** Copenhagen : DRUID, september 1996. (DRUID Working Paper nº96-11).

MORAES, Marcia A. F. D. de. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio** (nota técnica final da cadeia madeira e móveis). Campinas : Unicamp/IE/NEIT, MIDCT, MCT/FINEP, dezembro de 2002. (mimeo).

NELSON, Richard R. (ed.) **National Innovation systems – a comparative analysis.** New York : Oxford University Press, 1993. 541 p.

OCDE. **National Innovation Systems.** Paris : OCDE, 1997.

PORSSE, Alexandre Alves. **Multiplicadores de impacto na economia gaúcha: aplicação do modelo de insumo-produto fechado de Leontief.** Porto Alegre : FEE, 2002. (série Documentos FEE nº 52).

RANGEL, Armênio de Souza. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira** (nota técnica setorial da indústria de móveis de madeira). Campinas : UNICAMP/IE, UFRJ/IEI, MCT/FINEP/PADCT , 1993. (mimeo).

ROESE, Mauro. **Problemas locais, respostas globais: a indústria de móveis de madeira à luz dos enfoques de cadeias produtivas e sistemas regionais de inovação.** Campinas : UNICAMP/IG/DPCT, 2003. Tese de doutoramento.

SANTOS, Ronaldo Marcos dos e outros. **Indústria brasileira de móveis. Design como fator de competitividade na indústria moveleira.** Convênio Sebrae/Finep/Abimóvel/ /Fecamp/Unicamp –IE-NEIT, 1998

SCHNEIDER, Denise. **The role of buyers in the development of the hotel furniture industry in Kenya.** Brighton : University of Sussex/IDS, 1999. (IDS Working Papers 93).

SCT/RS - Secretaria da Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul. **Tecnologia e Competitividade: análise e perspectivas da indústria moveleira do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre : SCT/RS, IDERGS, BADESUL, 1991.

VILLASCHI FILHO, Arlindo e BUENO, Flávio Oliveira. **Elementos dinâmicos do arranjo produtivo madeira/móveis no Nordeste Capixaba – Linhares.** Vitória : UFES / Dep. Economia. S/data. (mimeo).